EUMÊNIDES

de Ésquilo

(c.525 aC – 456 aC)

RESUMO DA NARRATIVA

Ésquilo, nascido em Elêusis, é o mais velho dos grandes poetas trágicos gregos e teria escrito noventa peças (entre tragédias e sátiras), das quais sobreviveram apenas sete: “As Suplicantes”, “Os Persas”, “Sete Contra Tebas”, “Prometeu Acorrentado” e as três peças da trilogia Oréstia (“Agamêmnon”, “Coéforas” e “Eumênides”). Sabe-se pouco de sua vida, além de seu nascimento no seio da aristocracia rural e de sua carreira militar. Seu epitáfio dá conta de que a coisa mais alta que teria realizado foi sua participação na batalha de Maratona, omitindo a poesia. Segundo o folclore, o poeta morreu quando uma águia deixou cair uma tartaruga na sua cabeça.

“Eumênides” é a terceira obra da trilogia Oréstia, a única a ter chegado intacta à modernidade. Nos festivais anuais de Dionísio, cada poeta tinha de apresentar três tragédias correlacionadas e uma comédia.

A Oréstia trata dos acontecimentos ligados a Agamêmnon e seu destino depois da guerra de Tróia. O nome “Oréstia” é derivado de Orestes, seu filho e vingador. Encenada em 458 aC, dois anos antes da morte do autor, a Oréstia foi a última das doze vitórias de Ésquilo em concursos dramáticos.

Ésquilo é geralmente considerado o criador de fato da tragédia grega, tendo introduzido o segundo ator, isto é, criando o próprio diálogo (no teatro de Téspis só havia um ator). Entre as suas idéias centrais estão a vontade divina operando pelas paixões humanas, a hereditariedade governando o destino e a intolerância dos deuses a *hybris* (orgulho arrogante dos homens).

Otto Maria Carpeaux acha que é em Ésquilo que se revela o sentido profundo do teatro grego, refletindo a *polis* arcaica e, portanto, tratando do *“destino coletivo, não de indivíduos”*. Sobre a obra, diz textualmente:

> *“A Oréstia é simultaneamente tragédia familiar, política e religiosa: na família de Agamêmnon e Clitemnestra, a lei bárbara da vingança a leva ao assassínio e à loucura; mas no julgamento de Orestes pelo Aerópago, o tribunal do Estado, vencem os novos deuses da cidade sobre as divindades noturnas. As ‘fúrias’ se transformam em ‘eumênides’ e esse eufemismo religioso é a sanção religiosa do novo direito. A Oréstia é a maior tragédia política de todos os tempos. Mas não é só isso”.*[1]

Werner Jaeger diz na Paidéia[2] que *“o problema do drama de Ésquilo não é o homem. O homem é o portador do destino. O destino é que é o problema. A atmosfera está carregada de tormenta*

[1] Nota do resumidor – Carpeaux, Otto Maria, *História da Literatura Ocidental*, Rio de Janeiro, Alhambra, 1978, 2ª. Ed., p.54

[2] Nota do resumidor – Jaeger, Werner, *Paidéia*, São Paulo, Martins Fontes, 2003, 2ª. Ed, p. 301

desde o primeiro verso, sob a opressão do daimon que pesa sobre a casa inteira. Dentre todos os autores dramáticos da literatura universal, Ésquilo é o mestre supremo da exposição trágica".

A trilogia Oréstia baseia-se na lenda dos Átridas que Mário da Gama Kury, em linhas gerais, descreve na introdução da sua tradução[3]:

> *"Segundo essa lenda, cujas linhas gerais é conveniente conhecer para entender com maior facilidade as freqüentes referências ao passado próximo e remoto dos personagens da peça, Pêlops, o herói epônimo do Peloponeso, filho de Tântalo, viera da Lídia, na Ásia Menor, até Elis, na Grécia, como pretendente à mão de Hipodâmia, filha de Enomau, rei de Pisa. Lá ele conseguiu fraudulentamente atingir o seu objetivo, com a cooperação de Mírtilo, o servo de Enomau. Malgrado este serviço, Pêlops causou traiçoeiramente a morte de Mírtilo que, ao expirar, lançou contra o assassino uma terrível maldição, cujos efeitos deveriam propagar-se a toda a raça de Pêlops, depois deste se tornar o senhor da península que deveria perpetuar o seu nome – o Peloponeso.*
>
> *Desde a primeira geração se manifestou a potência funesta da maldição. Entre Atreu e Tiestes, filhos de Pêlops, travou-se uma disputa pelo trono de Micenas. Tiestes seduziu a mulher de Atreu, e ajudado pela esposa infiel (Aerope), roubou um carneiro de lã de ouro, que deveria assegurar a seu possuidor o trono cobiçado por ambos. Atreu, protegido por Zeus, foi proclamado rei apesar disso. Para vingar-se da perfídia de Tiestes, expulsou-o de Argos; mais tarde, em seguida a uma reconciliação simulada que ocultava seus desígnios criminosos, fê-lo comer, valendo-se de um ardil monstruoso, as carnes de seus três filhos (o filho sobrevivente chamava-se Egisto). As imprecações de Tiestes nessa ocasião vieram agravar a maldição hereditária, que continuou a atuar sobre a raça de Pêlops.*
>
> *Na geração seguinte, Agamêmnon, filho de Atreu, seria a sua vítima principal. Comandante supremo da expedição dos gregos contra Tróia, Agamêmnon quis vingar em Páris o ultraje infligido a seu irmão Menelau com o rapto de Helena. Mas. Para aplacar Ártemis, que se opunha à partida da frota grega, viu-se forçado a imolar Ifigênia, sua própria filha, e por isso provocou o rancor de sua mulher, Clitemnestra[4]. Durante a ausência do marido na guerra, sua mulher o traiu e se entregou a Egisto, filho de Tiestes, que sobreviveu ao trágico banquete, ansioso por vingar seu pai na pessoa de Agamêmnon, filho de Atreu."* (págs. 7-8)

A ação da Oréstia passa-se depois da guerra de Tróia, quando o comandante Agamêmnon volta vitorioso para Argos após dez anos de cerco a Ilion, trazendo como escrava Cassandra, uma das filhas dos reis de Tróia. Na sua ausência, sua mulher, amasiada com Egisto, primo de Agamêmnon, havia tentado matar seu filho Orestes, com medo de sua postulação ao trono, mas ele havia sido salvo por um preceptor que o desterrou para morar com um tio em Fócis. Praticamente na chegada a Argos, Agamêmnon é morto numa emboscada preparada pela mulher, conforme sua própria confissão em "Agamêmnon":

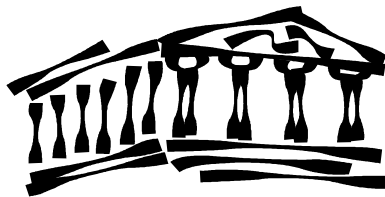
> *"Os fatos são estes, não irei negá-los: a fim de obstar qualquer defesa ou reação em tentativa de fugir ao seu destino, emaranhei-o numa rede indestrutível igual às manejadas pelos pescadores, mas para ele um manto fértil em desgraças; então feri-o duas vezes e seus membros depois de dois gemidos imobilizaram-se."*[5]

---

[3] Nota do resumidor – Ésquilo, *Oréstia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006, 7ª. ed., pp. 7-8.

[4] Nota do resumidor – Helena "de Tróia" e Clitemnestra são irmãs gêmeas, embora Helena, na verdade, seja filha de Zeus.

[5] Nota do resumidor – Ésquilo, *Oréstia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006, 7ª. ed, p. 73.

Cassandra, dotada do dom da profecia, tentou avisar Agamêmnon do perigo, mas não foi ouvida (porque foi-lhe retirado por Apolo o dom do convencimento). Cassandra é morta também. Até aí vai a primeira parte "Agamêmnon". A segunda parte, "Coéforas", que significa "Portadores de Oferendas", trata sobretudo de Electra, outra filha do casal real que, embora vivendo no palácio, era tratada como escrava. Numa visita ao túmulo do pai assassinado, Electra reencontra seu irmão Orestes que havia voltado incógnito a Argos para vingar a morte de seu pai, conforme ordenado por Apolo. Por meio de um estratagema, Orestes infiltra-se no palácio real e mata Egisto e Clitemnestra, apesar das súplicas da mãe. As Fúrias (ou Eríneas), divindades punidoras dos crimes contra parentes, aparecem e Orestes foge. A partir deste ponto começa a ação das "Eumênides" ("As Benevolentes"), denominação benigna das três divindades infernais - Alecto, Tisífone e Megera - que implacavelmente perseguem os crimes de sangue. Começa a perseguição de Orestes e a terceira parte da trilogia que vai resumida a seguir.

Estamos em Delfos, diante do templo de Apolo[6]. A profetisa aproxima-se da entrada, faz reverências e invocações a Apolo *"porta-voz de Zeus, seu pai"*, a Atena, às ninfas, a Dionísio (Brômio), a Poseidon e a Zeus *"onipotente"*. A sacerdotisa está preparada para transmitir as mensagens do deus Apolo:

> "**PROFETIZA**
> *Bendigam eles hoje mais que noutros dias*
> *minha presença no lugar santificado.*
> *Se aqui se encontram quaisquer peregrinos gregos,*
> *devem aproximar-se como de costume*
> *na ordem predeterminada pela sorte;*
> *de minha parte profetizarei agora*
> *tudo que me for inspirado pelo deus."* (pág. 148)

A profetiza penetra no templo, mas volta horrorizada:

> "**PROFETIZA**
> *Ah! Não consigo descrever um espetáculo*
> *cuja simples visão me deixa transtornada*
> *e me força a deixar o templo de Loxias[7],*
> *de tal maneira horrível que perdi o ânimo*
> *e não consigo, embora queira, estar de pé.*
> *Tenho de me valer das mãos para mover-me,*

[6] Nota do resumidor – Em Delfos fica o principal templo de Apolo, que os deuses diziam ser o "centro do mundo".

[7] Nota do resumidor – Loxias, que significa "oblíquo", é um dos nomes de Apolo, recebido em função de nunca dar respostas diretas nos seus oráculos. Outro nome é Febo, sobretudo para os latinos.

pois minhas pernas trôpegas não me sustentam.
Qual a valia de uma velha estarrecida?
Nenhuma; é como se ela fosse uma criança.
Eu caminhava em direção ao santo altar
repleto de oferendas, e meus olhos viram
junto à pedra central do templo um ser humano
marcado pela maldição das divindades;
ele estava sentado como suplicante
e com as mãos ensangüentadas segurava
um punhal retirado havia pouco tempo
de um ferimento; em suas mãos ainda estava
um longo ramo de oliveira recoberto
devotadamente por uma camada espessa
de alva lã – serei mais clara se disser
que aquilo parecia a pele de um carneiro.
Em frente ao homem há um grupo de mulheres
de aspecto estranho adormecidas nos assentos.
Falei que são mulheres? Devo dizer Górgonas![8]
Talvez não seja boa esta comparação;
Não é a Górgonas que devo referir-me.
Lembro-me bem de ter visto em pintura um dia
as Hárpias no justo momento em que tiravam
furtivamente os alimentos de Fineu[9]*.*
Estas daqui, porém, parecem não ter asas;
o seu aspecto é tenebroso e repelente;
enquanto falam não se suporta seu hálito
e de seus olhos sai um corrimento pútrido;
seus trajes são inteiramente inadequados
a quem está diante dos augustos deuses
ou mesmo em casa de criaturas humanas.
Nunca e em parte alguma vi seres assim
e não consigo imaginar que algum lugar
possa tê-las criado sem se arrepender
e lamentar amargamente esse castigo." (págs. 148-149)

No interior do templo estão Orestes, sentado, Apolo a seu lado e as Fúrias adormecidas nos assentos. Apolo está garantindo a Orestes que jamais o trairá: *"Serei até o fim guardião fiel, quer esteja do seu lado, quer nos separem distâncias intermináveis e em tempo algum protegerei teus inimigos"*. Como prova de sua decisão, Apolo havia adormecido as Fúrias, *"estas virgens malditas, filhas antiqüíssimas de um passado remoto; nunca as possuíram qualquer dos deuses, homens e nem mesmo feras. Nascidas para o mal, coube-lhes em partilha a treva deletéria do profundo Tártaro, criaturas malditas por todos os homens e pelos deuses que se reúnem no Olimpo"*. Apolo

[8] Nota do resumidor – Górgonas são três criaturas infernais - Esteno, Euríale e Medusa - filhas das divindades marítimas Fórcis e Ceto.

[9] Nota do resumidor – Fineu é um rei da Trácia que, tendo podido escolher, havia preferido uma longuíssima vida ao poder da visão. O Sol, indignado, enviou as Hárpias, monstros em forma de mulher alada, para lhe roubar a comida, uma vez que ele não conseguia enxergar.

aconselha Orestes a fugir enquanto as Fúrias dormem e ir para Atenas abraçar *"a imagem antiqüíssima"* de Palas[10], pedindo-lhe proteção e o benefício de um julgamento humano.

> *"***APOLO**
> *Na mesma ocasião, diante de juízes*
> *e com palavras adequadas ao momento*
> *descobriremos a maneira de livrar-te*
> *definitivamente de teu sofrimento,*
> *pois fui eu mesmo, e mais ninguém, que te induzi*
> *a ferir mortalmente a tua própria mãe."* (pág. 150)

Chega Hermes a quem Apolo encarrega de zelar por Orestes (*"Justifica teu nome e cuida de guiar como um pastor fiel este meu suplicante!"*) e levá-lo ao julgamento dos mortais.

Depois que todos saem, aparece o fantasma de Clitemnestra para cobrar as Fúrias adormecidas:

> *"***CLITEMNESTRA**
> *Dormis profundamente! Qual a serventia*
> *de sonolentas como vós? Por vossa causa*
> *sou vilipendiada no mundo dos mortos,*
> *que não cessam de me humilhar qualificando-me*
> *injuriosamente de assassina, lá,*
> *vagando envergonhada em meio a tantas sombras!*
> *Sou acusada nas profundezas do inferno*
> *de um crime bárbaro e como se não bastasse,*
> *após a minha morte nas mãos de meu filho*
> *(destino atroz!) nenhum dos deuses se revolta*
> *e mostra sua cólera a favor da mãe! "* (pág. 151)

Clitemnestra relembra as Fúrias de ter-lhes oferecido *"banquetes numerosos"*... *"em horas execradas pelos outros deuses"*.

> *"***CLITEMNESTRA**
> *E vós calcastes tudo isso sob os pés!*
> *Ele escapou e desapareceu daqui*
> *como se fosse alguma corça ainda nova*
> *livrando-se num salto ágil da armadilha*
> *e zombando de vós com um riso sarcástico!*
> *De pé, deusas das profundezas infernais!*
> *Como num sonho invoco-vos, eu Clitemnestra!"* (pág. 151)

Clitemnestra dirige-se ao coro das Fúrias lamentando-se de não ter amigos e de o *"matricida"* ter desaparecido. Ironiza as velhas monstruosas: *"Tendes outra função além de fazer mal?"* Clitemnestra pede ao Corifeu[11] que *"exale sobre Orestes o* (seu) *sangrento hálito"* e desaparece. As Fúrias, incitadas pelo Corifeu, começam a acordar uma a uma, lamentando-se acerbamente de terem deixado escapar o matricida e reclamando da ingerência indevida de Apolo e Hermes, *"deuses mais novos"*, numa questão que não lhes diz respeito:

[10] Nota do resumidor – Trata-se de Palas Atena, a Minerva dos romanos, deusa da Sabedoria que protegia a cidade de Atenas.

[11] Nota do resumidor – Nesta tragédia, o coro e o seu corifeu são também Fúrias.

(...)

"**CORO**

Assim procedem os deuses mais novos,
ávidos de poder sobre este mundo
e descuidosos da santa justiça,
num trono maculado pelo sangue
desde seus pés até a cabeceira.

OUTRA FÚRIA

Tenho a impressão de ver com os próprios olhos
o centro deste mundo, poluído
pelo sangue de um bárbaro homicídio!

CORO

Apolo, deus-profeta, conspurcou
seu próprio lar sem qualquer compulsão,
e sem ser provocado transgrediu
as sacras leis; por um simples mortal
o deus rasgou o pacto muito antigo.

OUTRA FÚRIA

Agindo assim ele ganhou meu ódio
sem conseguir salvar seu protegido.
Ainda que se oculte sob a terra
Orestes não se livrará de nós.
Culpado de assassínio, onde ele for
encontrará por certo um vingador
disposto a golpeá-lo na cabeça." (pág. 154)

Aparece Apolo com o arco nas mãos e expulsa as Eríneas: *"Abandonai agora mesmo a minha casa"*:

"**APOLO**

Esta casa, de fato, não é adequada
à vossa companhia. Não! Vosso lugar
é lá onde há sentenças de degolamento
e olhos a ser arrancados, ou então
onde gargantas são abertas, ou ainda
onde, para extinguir toda a virilidade,
meninos são castrados, onde se mutila,
onde seres humanos morrem lapidados,
onde vítimas empaladas, gemebundas,
esvaem-se numa agonia interminável!
Ouvistes, monstros odiados pelos deuses,
a relação de vossas festas preferidas?" (pág. 155)

O Corifeu sai em defesa das Fúrias, dizendo que pertence a Apolo *"toda a culpa neste crime horrível"* por ter mandado o oráculo ordenar a Orestes que *"assassinasse a própria mãe com as mãos".* Reafirma os direitos das Eríneas e a normalidade daquela perseguição:

"**Corifeu**
Queremos simplesmente cumprir um dever.
Apolo
Mas, que dever? Exalta essas prerrogativas!
Corifeu
Cumpre-nos expelir do lar os matricidas!
Apolo
E que fazer quando a mulher mata o marido?
Corifeu
Não se derrama o mesmo sangue nesse crime." (págs. 156-157)

Apolo contra-argumenta que o Corifeu degrada o pacto do casamento, que conta com a proteção do *"direito divino"*.

"**Apolo**
Percebo que teu coração quer castigar
apenas um dos crimes, enquanto se omite
da maneira mais clara em relação ao outro.
Palas, porém, irá pesar devidamente
os direitos das duas partes em litígio." (pág. 300)

O Corifeu insiste no seu plano, prometendo continuar *"a perseguir Orestes como se... fosse um cão de caça em sua vista"*.

O cenário muda para a acrópole de Atenas, diante do templo de Palas Atena[12]. Chega Hermes conduzindo Orestes que abraça a imagem da deusa e suplica:

"**Orestes**
Estou chegando aqui por ordem de Loxias,
Atena soberana; acolhe com clemência
um homem amaldiçoado. Já não sou
um suplicante cujas mãos estão impuras;
a minha mácula gastou-se e desbotou
na convivência amável com seres humanos
que me hospedaram em seus lares respeitáveis
enquanto eu vagueava por terras e mares.
Obediente ao mandamento de Loxias
em seu sagrado oráculo, chego afinal
ao pé de tua imagem e a teu templo, deusa!
Aqui aguardo o veredicto da Justiça! (pág. 158)

Enquanto isso, as Fúrias seguem as pegadas de Orestes *"como velozes cães de caça"*. Elas vêem Orestes *"cingindo com seus braços a santa imagem de Palas Atena"* e se aproximam dele. As Fúrias não querem que Orestes vá a julgamento porque *"o sangue maternal, se derramado, nunca, jamais poderá refluir. Após correr e se entranhar na terra, está perdido para todo o sempre!"* e querem levá-lo *"ainda vivo para os abismos mais fundos da terra, onde afinal possa pagar o preço*

[12] Nota do resumidor – Aqui há ruptura na unidade de lugar, com a transferência dos acontecimentos de Delfos para Atenas, indo de encontro à teoria aristotélica da tragédia.

que um matricida deve à sua mãe". Após ouvir estas ameaças, Orestes argumenta que um *"mestre sábio"* lhe havia dado *"ordens peremptórias para manifestar-se decididamente"*. É o que ele faz:

> "**ORESTES**
> *O sangue em minhas mãos está adormecido*
> *e desbotou; a mácula do matricida*
> *está lavada; ainda fresca em minha pele*
> *ela foi removida por um deus – por Febo –*[13]
> *em seu altar, após a purificação*
> *propiciada pela imolação de um porco."* (págs. 160-161)

Como as Fúrias se aproximam cada vez mais, Orestes conclama a ajuda de Atena, prometendo transformar todos os *"numerosos habitantes"* de Argos *"em seus aliados mais leais e valiosos"* e suplica a ela que o venha salvar daquele *"bando"*. O Corifeu faz pouco de seu desespero:

> "**CORIFEU**
> *Assim como não te salvou o próprio Apolo,*
> *Atena também não te ajudará, Orestes!*
> *Perecerás na mais completa solidão,*
> *com tua alma abandonada para sempre*
> *pela alegria – sombra privada do sangue*
> *sugado pelas potestades infernais!"* (pág. 161)

Orestes cospe na direção do Corifeu. Este promete transformá-lo na *"iguaria de nosso banquete"*. As Fúrias do coro cercam Orestes, dançando de mãos dadas: *"Fechemos este círculo dançante! Cantemos este pavoroso hino anunciando como nosso bando reparte a sorte entre todos os homens!"*

> "**CORIFEU**
> *Ah! Noite, minha mãe que me pariste*
> *para dar o castigo inelutável*
> *tanto a todas as criaturas vivas*
> *como às que já não podem ver a luz,*
> *escuta-me! O deus filho de Leto*
> *quer humilhar-me salvando esta presa*
> *cujo destino é expiar morrendo*
> *um crime sem perdão – o matricídio!* (pág. 162)
> *(...)*
> **CORO**
> *O ofício que o destino inexorável*
> *fixou e nos impôs eternamente*
> *é perseguir todas as criaturas*
> *lançadas por sua própria demência*
> *na via tortuosa do homicídio*
> *até descerem ao profundo inferno;*
> *nem mesmo a morte as livrará da pena.*
> *Quando nascemos foi-nos confiada*
> *esta prerrogativa; os imortais não podem estender as suas mãos*
> *para usurpá-la, nem aparecer*

---

[13] Nota do resumidor – Nome latino de Apolo.

como convivas em nossos banquetes,
mas, em compensação, nunca vestimos
roupas imaculadamente brancas;
nossa incumbência é destruir as casas
onde a Discórdia, sem ser convidada,
vem instalar-se perto da lareira
e causa a morte de um ente querido.
Por mais potente que seja o culpado
erguemo-nos imediatamente
e iniciamos a perseguição
até matá-lo na poça do sangue
ainda fresco da mísera vítima.
Aqui estamos e nosso propósito
é evitar que divindades novas
tenham de arcar com essa obrigação;
também queremos afirmar agora
que falta a qualquer deus autoridade
para afastar-nos de nosso dever;
então Orestes não pode sequer
ser conduzido à presença de um deles
em busca da divina decisão.” (pág. 163)

Entra Atena, dizendo ter ouvido *“de muito longe um estridente apelo”* e que *“vendo à (sua) frente um bando insólito de visitantes, não se sente temerosa, porém há em* (seus) *olhos natural espanto”*.

“Quem sois, então? Estou falando a todos vós:
ao estrangeiro piamente acocorado
aos pés de minha imagem, e também a vós,
cuja figura estranha em nada se assemelha
a criatura alguma (os deuses não vos contam
entre os numes celestes e vossas feições
em nada lembram as dos homens e mulheres).
Mas insultar quem não nos deu qualquer motivo
para ser denegrido ou mesmo censurado,
além de ser injusto é contra a eqüidade.” (pág. 165)

As Fúrias dizem ser *“tristes descendentes da negra Noite”*, apresentam suas credenciais e pedem para relatar suas prerrogativas:

“**CORIFEU**
Fomos buscar em sua casa um assassino.

ATENA
E para onde o leva essa perseguição?

CORIFEU
Para um lugar onde ninguém se sente alegre.

ATENA
E o maldizeis com gritos quando ele vos foge?

CORIFEU
É, sim, pois ele ousou matar a própria mãe.

ATENA
Alguém o constrangeu a cometer o crime,
ou ele tinha medo de alguma vingança?

CORIFEU
Mas, pode a compulsão levar ao matricídio?

ATENA
Estão aqui neste momento duas partes
e ouvi apenas a metade dessa história.

CORIFEU
Mas, ele não jurou, nem quis que nós jurássemos...

ATENA
Quereis parecer justas, mas não estais sendo.

CORIFEU
Que pretendes dizer?Explica-te melhor,
pois bem se vê que não és pobre em sapiência.

ATENA
Digo que os juramentos não têm o poder
de transformar uma injustiça em ato justo.

CORIFEU
Então, depois de ouvi-lo julga retamente.

ATENA
Pretendeis confiar-me a decisão da causa?

CORIFEU
E por que não? Assim seremos reverentes
a quem é digna de nossa veneração.

ATENA *(Dirigindo-se a Orestes)*
Agora é a tua vez; responde-me, estrangeiro.
Primeiro fala-me da terra onde nasceste,
de tua raça e também de teus infortúnios,
antes de dar respostas às acusações.
Se tens de fato confiança na justiça,
tu, que procuras proteção junto ao meu templo
e envolves minha santa imagem com teus braços,
como se fosses piedoso suplicante
igual ao celebrado Íxion[14]*, esclarece-me*
sobre os reais motivos da perseguição." (págs. 166-167)

Orestes conta sua vida e diz à Deusa que *"há muito tempo se livrou de* (sua) *mácula nos lares por onde passou e nas viagens que fez por tantas terras e através dos mares"*.

*"***ORESTES**
Argos é a minha pátria; o nome de meu pai
(tu o conheces muito bem)[15] *é Agamêmnon,*
comandante de homens e naus; com tua ajuda
ele fez Tróia desaparecer da terra.

---

[14] Nota do resumidor – Íxion é o rei dos Lápitas que, tendo matado o sogro, pediu clemência a Zeus, que a concedeu.

[15] Nota do resumidor – Na guerra de Tróia, Palas Atena combate ao lado dos helenos.

Esse famoso rei morreu ingloriamente
no dia em que, depois de terminada a guerra,
voltou vitorioso ao lar. A minha mãe,
levando a termo seus desígnios tenebrosos,
atreveu-se a matá-lo depois de envolvê-lo
numa rede tecida em cores variadas,
que ainda existe para ser um testemunho
do crime pérfido dentro de uma banheira.
Após um longo exílio regressei à pátria
e matei minha mãe – não negarei o fato -
para punir a morte de meu pai querido.
Tão responsável quanto eu pelo homicídio
é o próprio Apolo, cujo oráculo veraz
para incitar meu coração mostrou-me as penas[16]
que eu sofreria se não quisesse cumprir
as suas ordens para punir os culpados.
Decide tu se meu ato foi justo ou não;
estou em tuas mãos; haja o que houver comigo
aceito resignadamente o veredicto.” (pág. 168)

Atena decide acolher a súplica de Orestes, não sem lembrar-lhe, meio a contragosto, de que aquelas *“criaturas que o perseguem sem dúvida são detentoras de direitos merecedores de toda a (sua) atenção”*. Decide constituir tribunal com *“os melhores entre todos os cidadãos da* (sua) *Atenas, para que julguem esta causa retamente, fiéis ao juramento de não decidirem contrariamente aos mandamentos da justiça”*[17].

Quando Atena sai para convocar os juízes, o Coro se inquieta:

*“***CORO**
Prognosticamos para muito breve
o advento de uma grave subversão
devida a novas leis, se triunfar
a causa torpe deste matricida!
Logo seu crime justificará
o desrespeito de todos os homens,
e talhos incontáveis de punhais
licitamente dados pelos filhos
serão a recompensa de seus pais
antes de se passarem muitos anos!
Isso acontecerá porque as Fúrias,
cuja incumbência é vigiar os homens,
terão cessado displicentemente
de provocar rancor contra assassinos.
A partir deste dia soltaremos
os freios que até hoje contiveram
os homicidas de todos os tipos.
Os homens perguntar-se-ão atônitos
(cada um deles prestes a contar

[16] Nota do resumidor – Entre elas, está a própria perseguição pelas Fúrias.
[17] Nota do resumidor – Este teria sido o primeiro tribunal ateniense.

as desventuras de seus semelhantes)
quando terminarão suas desditas
ou quando poderão ter uma trégua,
mas seu único alívio – ah! Infelizes! –
será trocar conselhos e remédios
inúteis para a cura de seus males!
E quando algum mortal for atingido
pelo infortúnio, não nos peça ajuda
nem nos invoque desvairadamente:
'Ah! Fúrias em seus tronos! Ah! Justiça!'
Talvez esses gemidos tristes venham
de um pai ou de uma transtornada mãe,
vítimas novas de um destino insólito,
pois a justiça neste dia vê
que seu reduto está desmoronando!
Às vezes o temor é bom e deve,
como se fosse um guardião da mente,
manter-se vigilante em seu lugar." (págs. 169-170)

Atena volta seguida por um arauto que apresenta os doze juízes convocados. Orestes fica de pé em frente ao Coro. Entra Apolo dizendo ter vindo testemunhar e insiste em que ele é o *"responsável máximo pelo crime de morte contra mãe* (de Orestes)*"*. Atena abre os debates e o Corifeu, no papel do acusador, começa a interrogar o réu.

"**ATENA** *(Dirigindo-se às Fúrias do Coro)*
Quero dizer-vos que a palavra agora é vossa
e declarar que estão abertos os debates.
Falando em primeiro lugar, o acusador
deve instruir-nos claramente sobre os fatos.

CORIFEU
Embora sendo muitas, falaremos pouco.
(Dirigindo-se a Orestes.)
Dá a cada pergunta uma resposta lúcida;
dize primeiro se mataste a tua mãe.

ORESTES
Matei-a, sim, e não posso negar o fato.

CORIFEU
Já nos é favorável uma das três quedas[18]*.*

ORESTES
Ainda não caí; por que te vanglorias?

CORIFEU
Revela, então, como te atreveste a matá-la.

ORESTES
Direi: com minha espada cortei-lhe a garganta.

CORIFEU
Quem te persuadiu? Que conselhos te deram?

[18] Nota do resumidor – Nas competições gregas de luta livre, o vencedor precisava derrubar o oponente três vezes.

ORESTES *(Apontando para Apolo)*
Foi este deus que agora é minha testemunha.

CORIFEU
O deus-profeta comandou o matricídio?

ORESTES
Foi ele, e não me queixarei de meu destino.

CORIFEU
Não pensarás assim após o veredito!

ORESTES
Tenho fé em meu pai; ele me ajudará!

CORIFEU
Tu, que mataste a tua mãe, tens fé nos mortos?

ORESTES
Ela se maculou em dois assassinatos.

CORIFEU
Mas, como? Explica-te diante dos juízes!

ORESTES
Matando seu marido, ela matou meu pai!

CORIFEU
Mas vives, e ela já se redimiu morrendo.

ORESTES
E por que não a perseguiste e a puniste
com o doloroso exílio enquanto ela viveu?

CORIFEU
Em suas veias não corria o mesmo sangue
daquele homem cuja vida ela tirou.

ORESTES
Pensas que eu e ela somos consangüíneos?

CORIFEU
Quem senão ela te nutriu no próprio ventre?
Renegas, assassino, o precioso vínculo
que é o mesmo sangue unindo mãe e filho?" (págs. 173-175)

Orestes pede o depoimento de Apolo: *"Não vou negar a prática do ato em si, mas desejo saber se em tua opinião este homicídio pode ser justificado"*.

Apolo, fazendo o papel da defesa, começa sua intervenção advertindo nunca ter pronunciado uma simples palavra *"que não fosse inspirada pelo próprio Zeus, pai dos deuses olímpicos"*. Concentra sua argumentação na forma covarde e insidiosa com que Agamêmnon fora assassinado:

"**APOLO**
O marido voltava de uma guerra longa,
depois de vencer quase todas as batalhas;
sua mulher o recebeu com falso amor,
e levou-o a banhar-se; quando ele saía
da banheira sinistra, ela o envolveu
num longo manto e num instante o abateu,

preso naquele pano cheio de bordados
como se fosse uma armadilha sem saída.
Foi este o fim ignóbil de um herói sem par,
o comandante-em-chefe de naus incontáveis." (pág. 176)

O Corifeu tenta desqualificar o argumento apolínico, acusando Zeus de ter acorrentado seu próprio pai, Cronos. Apolo contra-argumenta que Zeus sabe desatar correntes, mas não pode trazer Agamêmnon da morte: *"Meu pai não tem contra este mal recurso algum, ele que pode derribar ou levantar todas as coisas sem a mínima fadiga"*. O Corifeu insiste em que Orestes estaria permanentemente marcado pelo derramamento do sangue maternal. Apolo contesta tal pretensão:

*"***APOLO**
Responderei também a isso e saberás
que todos os meus argumentos são corretos.
Aquele que se costuma chamar de filho
não é gerado pela mãe – ela somente
é a nutriz do germe nela semeado -;
de fato, o criador é o homem que a fecunda;
ela, como uma estranha, apenas salvaguarda
o nascituro quando os deuses não o atingem.
Oferecer-te-ei uma prova cabal
de que alguém pode ser pai sem haver mãe.
Eis uma testemunha aqui, perto de nós
- Palas[19], filha do soberano Zeus olímpico -,
que não cresceu nas trevas do ventre materno;
alguma deusa poderia por si mesma
ter produzido uma criança semelhante?" (págs. 177-178)

Encerrada a instrução, Atena convoca os juízes a votar, mas, antes, adverte:

*"***ATENA**
Prestai toda atenção ao que instauro aqui,
atenienses, convocados por mim mesma
para julgar pela primeira vez um homem,
autor de um crime em que foi derramado sangue.
A partir deste dia e para todo o sempre
o povo que já teve como rei Egeu
terá a incumbência de manter intactas
as normas adotadas neste tribunal
nas colinas de Ares, onde as Amazonas,
iradas com Teseu, instalaram seus tronos
e ergueram suas tendas quando aqui chegaram
na tentativa de conquistar a cidade;
em frente à fortaleza dos atenienses
elas ergueram as muralhas altaneiras
da nova cidadela; nas proximidades
fizeram santos sacrifícios ao deus Ares,
dando por isso à elevação rochosa

[19] Nota do resumidor – Palas Atena nasceu de uma rachadura feita por Hefesto na da cabeça de Zeus, logo sem a intermediação de uma mãe.

o nome preservado de Colina de Ares[20]*.*
Sobre esta elevação digo que a Reverência
e o Temor, seu irmão, seja durante o dia,
seja de noite, evitarão que os cidadãos
cometam crimes, a não ser que eles prefiram
aniquilar as leis feitas para seu bem
(quem poluir com lodo ou com eflúvios turvos
as fontes claras, não terá onde beber).
Nem opressão, nem anarquia: eis o lema
que os cidadãos devem seguir e respeitar." (pág. 179)
(...)
Proclamo instituído aqui um tribunal
incorruptível, venerável, inflexível,
para guardar, eternamente vigilante,
esta cidade, dando-lhe um sono tranqüilo.
Eis a mensagem que vos quero transmitir,
atenienses, pensando em vosso futuro.
Levantai-vos agora de onde estais, juízes,
e decidi com vossos votos esta causa." (pág. 180)

Enquanto os juízes votam, Corifeu e Apolo discutem, trocam insultos e fazem acusações mútuas.

"**APOLO**
Não pensais que é justo ser benevolente
com quem nos dirige uma prece reverente,
ainda mais quando precisa de socorro?"

CORIFEU
Anulas a partilha feita há muito tempo
e enganas com teu vinho antigas divindades!

APOLO
Desgosta-vos a decisão a ser tomada
e apenas cuspireis sobre quem vos enfrenta
um veneno de agora em diante inofensivo.

CORIFEU
Sentes prazer em humilhar nossa velhice,
deus novo; espero ouvir o veredicto aqui,
freando a minha ira contra esta cidade." (pág. 181)

Atena declara que será a última a pronunciar o voto e que *"o* (somará) *aos favoráveis a Orestes"*[21].

"**ATENA**
Serei a última a pronunciar o voto
e o somarei aos favoráveis a Orestes.
Nasci sem ter passado por ventre materno;
meu ânimo sempre foi a favor dos homens,
à exceção do casamento; apóio o pai.
Logo, não tenho preocupação maior

[20] Nota do resumidor – Colina de Ares é o mesmo que Aerópago.

[21] Nota do resumidor – Esta é a origem da expressão "voto de Minerva". Minerva é o nome romano de Palas Atena.

com uma esposa que matou o seu marido,
o guardião do lar; para que Orestes vença,
basta que os votos se dividam igualmente." (págs. 181-182)

Enquanto são contados os votos, Orestes considera (*"Degolam-me ou inda verei a luz do dia?"*) e o Corifeu se inquieta (*"E para nós a ruína, ou conservar ainda nossas prerrogativas imemoriais"*). Sai o veredito. Atena comunica aos presentes que Orestes *"foi absolvido de um crime de morte! Os votos dividiram-se em somas iguais"*. Orestes exulta e confirma solenemente que jamais um *"homem investido no poder em Argos empunhará armas contra* (Atenas)*"*. Parte feliz.

Os deuses antigos rebelam-se com o resultado, ameaçam Atena e, por extensão, toda a humanidade:

"**CORO**
Ah! Deuses novos! Como espezinhais
as leis antigas, pois arrebatais
de nossas mãos o que sempre foi nosso!
E nós, infortunadas e menosprezadas,
faremos com que este solo sinta
o peso todo de nosso rancor!
Ai! Ai de nós! Nosso mortal veneno
vai ser a arma de cruel vingança!
As gotas, destiladas uma a uma
por nossos corações, custarão caro
a este povo e à sua cidade;
uma praga mortal sairá delas,
fatal a todos os frutos da terra
e aos vossos filhos! Ah! Nossa vingança!
Caindo sobre vosso chão, a praga
será a ruína deste território!
Gememos sem saber o que fazer!
Ah! Nós, filhas da tenebrosa Noite,
sofremos a maior humilhação! " (pág. 184)

Palas Atena tenta negociar com elas, mas as Fúrias estão irredutíveis:

"**ATENA**
Vossa vontade é derramar sobre esta terra
a vossa ira; peço-vos que reflitais
em vez de agir obedecendo aos vosso ímpetos;
não insistais em tornar este solo estéril
deixando transbordar de vosso lábios sacros
uma espuma raivosa que destruiria
todos os germes produtores de alimentos.
Desejo oferecer-vos de maneira justa
asilo e proteção nesta cidade; aqui,
no trono de vossos altares reluzentes,
tereis assento e o respeito de meu povo.

CORO
Ah! Deuses novos! Reduzis a nada
as leis antigas, pois estais tirando

de nossas mãos o que sempre foi nosso!
E nós, infortunadas e aviltadas,
faremos com que este solo sinta
o peso todo de nosso rancor!
Ai! Ai de nós! Nosso mortal veneno
vai ser a arma de cruel vingança!
As gotas, destiladas uma a uma
por nossos corações, custarão caro
a este povo e à sua cidade;
uma praga mortal sairá delas,
fatal a todos os frutos da terra
e aos vossos filhos! Ah! Nossa vingança!
Caindo sobre vosso chão, a praga
será ruína deste território!
Gememos sem saber o que fazer!
Ah! Nós, filhas da tenebrosa Noite,
sofremos a maior humilhação!" (págs. 184-185)

Atena faz velada ameaça às Fúrias (*"sei a maneira de abrir o compartimento onde os raios divinos estão encerrados..."*), mas insiste em que elas se conformem e recebam *"as honrarias que* (lhes) *cabem por direito!"* Palas oferece-lhes a hospitalidade de um santuário permanente[22] em Atenas. As Fúrias recusam:

"**CORO**
Nós, deusas muito antigas, não queremos
ter esta sorte e residir aqui
como seres impuros e malditos!
Não! Todas nós estamos respirando
a mais intensa cólera e vingança!
Ah! Terra e céu! Ah! Quanto sofrimento
invade agora nossos corações!
Ouve-nos, Noite! Ouve-nos, nossa mãe!
Deuses maliciosos e perversos
despojam-nos de nossas honrarias,
nunca negadas e hoje suprimidas!" (pág. 186)

Atena faz uma profecia e renova sua oferta.

"**ATENA**
Agora ireis ouvir a minha profecia:
o tempo, em seu fluxo incessante, há de trazer
glórias inda maiores para minha Atenas,
e vós, de vosso trono em solo esplendoroso,
ao lado da morada do rei Erecteu,
vereis chegarem numerosas procissões
de homens e mulheres para vos trazerem
presentes que em outro lugares não teríeis.
(...)

[22] Nota do resumidor – Há o santuário das Eumênides, em Colono, local para onde Édipo se dirige, conduzido cego por sua filha Antígona, após ter sido banido de Tebas. A história de Édipo, no entanto, é anterior à Guerra de Tróia.

Aqui está o que podeis obter de mim;
fazer e receber o bem e ser benditas
e veneradas numa terra mais que todas
querida pelos deuses, da qual vós sereis
desde este dia distinguidas cidadãs.
(...)
Mas, se não concordares, sereis certamente
iníquas, deixando cair sobre a cidade
ódio, rancor e males contra os habitantes,
pois tendes minha permissão para gozar
de todos os direitos de cidadania,
glorificadas entre nós eternamente." (págs. 186-188)

As Fúrias começam a ceder e Atena enfatiza as novas prerrogativas que lhes caberiam:

"**CORIFEU**
Que benção deveremos invocar agora para tua cidade em nossos hinos? Dize!

ATENA
Aquelas que trazem vitórias sem tristeza.
Que soprem sobre esta cidade brisas calmas
vindas da terra. Do profundo mar, do céu,
sob os raios propícios do brilhante sol!
Que o solo rico e os rebanhos nunca deixem
de dar prosperidade ao povo ateniense!
Que a semente dos homens seja protegida!
Que os descuidosos da veneração dos deuses
sejam ceifados sem nenhuma piedade,
pois como um jardineiro sempre cuidadoso
gosto de ver os mortais justos prosperarem
como uma plantação livre de ervas daninhas.
Aí estão as bênçãos que vós nos trareis.
Quanto às lides guerreiras, cuidarei eu mesma
de que elas sempre glorifiquem a cidade
proporcionando-lhe vitórias de seus homens." (pág. 189)

As Fúrias finalmente concordam. Atena exulta e, para mostrar a importância delas, enfatiza que *"quem não pautar a conduta na vida pelos ditames destas divindades temíveis por seu poder inconteste, não poderá compreender a origem dos golpes que recebe em sua vida"*.

As Fúrias prometem não atacar Atenas e estimular as Parcas[23], *"filhas como nós da negra Noite"*, *"distribuidoras de eqüidade"* e *"árbitras da sorte de todas as criaturas"*, a auxiliarem os homens. Atena agradece à Persuasão[24] pela ajuda no combate àquela *"feroz recusa"*. Fúrias e Atena se confraternizam:

"**CORO**
Sede felizes na posse dos bens

---

[23] Nota do resumidor – Parcas (Meras ou Moiras) são as divindades do destino – segundo Hesíodo, tão velhas quanto as Fúrias - que controlam a parte (mera) de cada um nesta vida. São as fiandeiras Átropo, Cloto e Laquésis que estabelecem o nascimento, a vida e a morte dos mortais.

[24] Nota do resumidor – Persuasão é a deusa do convencimento.

abençoados da prosperidade!
Sede felizes, cidadãos de Atenas,
sentados perto da Virgem de Zeus,
prestando-lhe as devidas homenagens
enquanto aprendeis a sabedoria
a cada dia; quem é protegido
pelas asas de Palas, terá sempre
a consideração de Zeus, seu pai.

ATENA
Sede também felizes! Marcharei
à vossa frente para vos mostrar
vossa morada, sob as santas luzes
da procissão que deverá seguir-nos;
levai convosco pias oferendas,
descei para as profundezas da terra,
retende longe de nós todo mal
e mandai-nos de lá muita ventura,
para o triunfo constante de Atenas!
E vós, senhores de minha cidade,
filhos de Crânaos[25]*, mostrai a rota*
a estas recém-vindas habitantes.
Que os cidadãos, para seu benefício,
tenham somente pensamentos bons!
(...)
Merece aplausos vossa invocação
e vos conduzirei à luz brilhante
de tochas até vossa residência
nas entranhas da terra, em companhia
de minhas seguidoras, guardiãs
de minha imagem consagrada. Os olhos
da terra de Teseu irão conosco
- cortejo glorioso de matronas,
de virgens e mulheres veneráveis.
Adornai-vos com vestidos de púrpura
e destacai o fogo destas tochas
para que a companhia generosa
das novas cidadãs nos traga sempre
a benção de excelentes gerações.

ESCOLTA
Marchai à frente, divindades fortes,
filhas sem filhos da fecunda Noite,
sedentas de homenagens, ombreando
com um cortejo composto de amigos
até chegar à gruta subterrânea.
- Pronunciai bons votos, habitantes! –
Lá vos esperam santas oferendas
e sereis cultuadas como deusas.
- Pronunciai bons votos, habitantes! –

[25] Nota do resumidor – Crânaos é um dos primeiros reis da Ática, região onde fica Atenas.

propícias e leais a esta terra,
segui vosso caminho, augustas deusas;
rejubilai-vos com a luz das tochas
que, afogueadas, indicam a rota,
- Gritai agora, obedecendo aos ritos,
numa resposta ao nosso canto estrídulo –

(Grito prolongado.)

O povo preferido por Atena
acaba de ganhar a paz aqui
para a felicidade de seus lares,
e assim vemos selar-se a união
entre as Parcas e Zeus onividente!
- Gritai agora, obedecendo aos ritos,
numa resposta ao nosso canto estrídulo!"

(Grito prolongado.) (pág. 194)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Mário da Gama Kury, retirados de "Oréstia", 7ª. Edição, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.)